

Augusto Malta: o fotógrafo de uma cidade que se transformou

Adjovanes Thadeu Silva de Almeida

José Luís Santana

RESUMO

O artigo discutirá a biografia e a experiência profissional de Augusto Malta, destacando sua atuação durante o processo de reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro, ocorrido no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto Malta – Cidade do Rio de Janeiro – Reforma Pereira Passos

ABSTRACT:

This article will discuss the biography and the professional experience of Augusto da Malta, highlighting his activities in the process of urban reformation of the Rio de Janeiro City in the beginning of the twentieth century.

Keywords: Augusto Malta – Rio de Janeiro – Pereira Passos

1-INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende analisar a biografia de Augusto Malta, relacionando sua trajetória às mudanças urbanísticas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1936, momento em que a então capital federal passou por um conjunto de transformações em sua face urbana, objetivando torná-la uma metrópole ao feitiço de Paris e de outras grandes capitais ocidentais. O texto, inicialmente, apresentará os principais aspectos biográficos de Augusto Malta; posteriormente, serão analisadas as reformas urbanas ocorridas na Cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

2 – AUGUSTO MALTA E SEU TEMPO

Augusto César Malta de Campos nasceu em Mata Grande, que posteriormente se chamaria Paulo Afonso, no Estado de Alagoas, em 14 de maio de 1864 e faleceu em 30 de junho de 1957. Ele veio para o Rio de Janeiro em 1888 contando, então, 24 anos de idade. No princípio trabalhou na Guarda Municipal, chegando ao posto de major em plena época da Proclamação da República (1889), foi guarda-livros, vendedor de tecidos entre outros ofícios. Malta circulava na cidade com sua bicicleta, sendo que a mesma foi trocada pela sua primeira máquina fotográfica e que, por intermédio desta tornou-se o maior cronista visual da cidade na primeira metade do século XX. De acordo com a sua filha Amaltéa Malta Carlini: “O interesse pela fotografia começou com uma pequena máquina que ele trocou por uma bicicleta (...) daí ele começou a tirar fotos e tomou gosto”.¹

Este mesmo gosto pelas fotos como objeto de lazer despertou o interesse de um amigo, que o apresentou ao então prefeito da cidade-capital da República, Francisco Pereira Passos, que ficou bastante impressionado com suas imagens fotográficas sendo prontamente contratado por este, tornando-se o primeiro fotógrafo oficial da Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro por decreto em 27 de junho de 1903.

Malta fotografava diversas solenidades públicas, tais como reuniões do prefeito com autoridades, inaugurações, inspeções a que Pereira Passos fazia ao andamento das obras pela cidade. Onde o prefeito estava lá iria o Malta com sua máquina prontamente preparada para captar aquelas imagens que ficariam para a posteridade.

Augusto Malta, provavelmente, com a sua habilidade técnica e olhar aguçado, pode ser considerado o pioneiro na reportagem fotográfica, pois, além do seu trabalho oficial, ele também fez nas horas vagas imagens do cotidiano do Rio de Janeiro de seu tempo. Fotografou a população anônima da cidade, em seus momentos de trabalho, no seu instante de lazer em encontros nos quiosques que se espalhavam por todo o canto da cidade, subindo os morros que circundavam a mesma, presenciando as demolições, novamente com seu

olhar oficial, tomando ângulos que, com o passar dos anos, foram cada vez mais aprimorados.

O seu envolvimento com o trabalho de fotografar foi executado de maneira apaixonada por ele, imprimindo em suas fotos o momento de transformação em que a cidade estava inserida, não se sabe se de maneira consciente ou inconsciente, Malta estava criando a memória e fazendo a história da cidade que se modificava. Pois hoje as suas imagens são fontes iconográficas do antes e do depois da cidade brasileira símbolo de nossa *belle époque*. Estas imagens são fontes de pesquisa da época, a memória de um tempo que se foi de uma sociedade transformada, de um modo de vida diferente de nossos dias.

Não se sabe sobre suas preferências políticas, mas Augusto Malta de certo modo aprovava a Administração de Pereira Passos, pois, em entrevista ao Jornal O Globo em 1936, ele disse:

“(...) uma obra como aquella, um homem como aquelle, não mereciam a falta de respeito de uma “tapeação”. Entusiasmado dediquei-me de corpo e alma à nova função. Diante do nada de fotografia que eu sabia esforcei-me para conquistar o muito que agora sei. Embora uma função secundária e lateral, eu me orgulhava em dar minha cooperação para a glória da grande obra. Ella precisava de uma documentação fiel e indiscutível que só as boas fotografias poderiam proporcionar.”ⁱⁱ

Com o aparecimento de novas possibilidades historiográficas com o uso da fotografia, uma novidade tecnológica surgida na primeira metade do século XIX, Malta não poderia imaginar o quanto o seu documento de legitimar a política das transformações se faz necessário em nossos dias como fonte de pesquisa, possibilidades estas que surgiram com a criação da *École des Annales*, por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. Neste contexto foram ultrapassados os limites da história factual, abrindo caminhos para novas fontes e documentos de pesquisa.

Em 1904, associa-se como fundador à Sociedade Cartophila Internacional Emanuel Hermann, e editava postais de turismo. Abriu estúdio trabalhando para particulares e empresas, como a Light. Em grande parte, as imagens do Rio de Janeiro durante a Belle Époque foram produzidas por Augusto Malta que, deste modo, contribuiu significativamente para transformar a Capital brasileira na

“Cidade Maravilhosa”. Neste mesmo ano falece sua esposa, Laura de Oliveira Campos, mãe de Luttgardes, Arethusa, Callestenis, Aristocléa e Aristógiton.

Augusto Malta, como fotógrafo documentarista, também foi colaborador de alguns jornais, como **A Cidade**, e reportou, entre outros acontecimentos e notícias, a queima de quiosques (1906), a Revolta da Chibata (1910), acidentes, os efeitos das ressacas no calçadão da Avenida Atlântica, e a Revolução de 1930.

Durante os cerca de 50 anos em que esteve em atividade, Malta produziu aproximadamente 80.000 fotos, utilizando-se principalmente como suporte placas de vidro em suas reproduções. Pelo tipo de material que ele empregava este acervo é de grande valia também para a história da fotografia como um todo.

A maior parte do seu trabalho encontra-se no **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, no **Museu da Imagem e do Som** e na **Biblioteca Nacional**.

Augusto Malta obteve sua aposentadoria em 1936, deixando em seu lugar o filho Aristógiton Malta como fotógrafo oficial dos eventos da Prefeitura. Mesmo assim, ainda continuou a fotografar como *hobby* por cerca de 20 anos, retomando a paixão do seu início como fotógrafo amador.

Através das fotos, Malta explicitou um aspecto bastante interessante do período abordado: o fato de os indivíduos se transformarem em personagens, posando para a foto, buscando imortalizar-se do melhor modo possível. Neste sentido, podemos perceber facilmente a presença de uma intencionalidade, e, por consequência, a influência do “olhar” do autor (no caso, o próprio Malta) sobre o registro – que, destarte, perde sua aura de neutralidade.

As três primeiras décadas do século XX foram um momento único de afirmação da fotografia a nível mundial. O fotodocumentarismo, o fotojornalismo e o fotoensaísmo eram as tentativas de registro do real mais confiáveis que existiam. A professora Ana Maria Mauad diz:

“Por muito tempo, essa marca inseparável de realidade foi atribuída à imagem fotográfica, sendo seu uso ampliado ao campo das mais diferentes ciências. Desde a entomologia, até o estudo das características físicas de criminosos, a fotografia foi utilizada como prova infalsificável. No plano do controle social, a imagem fotográfica foi associada à identificação, passando a figurar desde o início do século XX, em identidades, passaportes e os mais

diversos tipos de carteiras de reconhecimento social. No âmbito privado, através do retrato de família, a fotografia também serviu de prova. O atestado de um certo modo de vida e de uma riqueza perfeitamente representada através de objetos, poses e olhares.”ⁱⁱⁱ

Como podemos perceber, a fotografia alcançou o *status* de documentar os fatos ocorridos em determinada época pela sua incrível semelhança com o real. Uma nova tecnologia a serviço dos eventos realizados pelo homem.

As mudanças urbanísticas implementadas durante a administração Pereira Passos (1903-1906) foram imortalizadas pela lente de nosso fotógrafo, que buscou retratar, como já foi dito, o cotidiano de uma cidade em transformação: em suas fotos, Malta, por exemplo, apresentou os quiosques e seus frequentadores.

As transformações produzidas pela ação estatal originaram um novo espaço urbano: no lugar dos quiosques e das ruas estreitas, passaram a existir avenidas largas, ladeadas por árvores, artérias que possibilitariam a circulação de pessoas e de mercadorias. Quanto aos indivíduos cuja presença fora julgada incompatível com este ambiente refinado, restavam apenas os morros da urbs ou os subúrbios atendidos pelas ferrovias. Criava-se um Brasil europeu, uma tentativa de recriar (parte de) a modernidade europeia nos trópicos, capaz de fazer frente, se não à Paris, pelo menos à Buenos Aires.

A principal artéria que iria rasgar o centro da cidade, do início da Avenida Beira-Mar em direção à Praça Mauá, seria conhecida pelo nome de Avenida Central, esta foi inspirada nas alamedas grandiosas de Paris. A via seria ornamentada com postes confeccionados na Europa, ladeada por novos edifícios, novas áreas comerciais, com lojas luxuosas, onde as elites da cidade se sentissem estar em alguma cidade europeia, pois a elegância dos abastados entrava em contraste com a penúria dos miseráveis. Neste processo de europeização possível, as pessoas se portavam e como se vestiam à moda europeia, usando chapéu e trajando ternos em uma cidade tropical, com calor insuportável nos dias de verão.

O cotidiano da cidade se apresentava através da fotografia, meio pelo qual o homem utiliza para imitar a realidade ao seu redor. Através da imagem estática, o fotógrafo procurava imortalizar aquele momento histórico.

Malta participou de vários eventos acompanhando o prefeito Pereira Passos em solenidades, almoços oferecidos por diversas autoridades, inaugurações e vistorias de obras. Com o seu trabalho incansável de fotografar os recantos da cidade do Rio de Janeiro, juntamente com outros fotógrafos, fez da capital carioca uma das cidades mais fotografadas do mundo no fim do século XIX até a virada para o século XX. Ele contribuiu para o desenvolvimento da fotografia como fonte histórica, porque ela foi utilizada como documento para justificar as transformações empreendidas pela prefeitura da cidade. Conforme enunciado anteriormente, inconscientemente ele contribuiu para que a fotografia fosse reconhecida pela Escola dos *Annales*, como uma nova possibilidade de historiografia.

Ele usava uma metodologia para identificar algumas fotos, escrevendo com tinta branca o local e o ano em que foi fotografada. Deixando para as gerações seguintes informações valiosas acerca da imagem produzida.

As anotações nos orientam sobre a temática pesquisada, ordenando cronologicamente os locais, os eventos e a memória da cidade do Rio de Janeiro.

As medidas adotadas por Pereira Passos atingiam não apenas o traçado urbano da cidade, mas, também, o cotidiano de seus moradores. Assim, formaram-se Brigadas Sanitárias, que eram formadas por um chefe, cinco guardas mata-mosquitos e operários de limpeza pública, que percorriam ruas e visitavam casas, desinfetando, limpando, exigindo reformas, interditando prédios, removendo doentes. Por sua natureza, os locais em que residiam os pobres e miseráveis, sendo os mesmos densamente povoados, foram os alvos preferidos pelas brigadas.

Nestas habitações se amontoavam dezenas de pessoas, sendo que esta situação degradante chegou a ser comentada por um delegado da saúde pública em 1904, relatando o seguinte:

“Em todas [as ruas] foram feitas rigorosas visitas, exigindo-se toda a sorte de melhoramentos necessários. Nas habitações coletivas, então, procurei sempre, por meio de rigorosas intimações, extinguir muitas que funcionavam irregularmente, quer por falta de condições higiênicas, quer por não possuírem licença da Prefeitura.”^{iv}

Ainda segundo relatos de sua filha *Almathea Malta Carlini*, o fotógrafo visitava discretamente os sobrados que seriam desapropriados e os fotografava para o prefeito Pereira Passos, pois seriam indenizados pela Prefeitura de acordo com o imóvel documentado em fotos. A maioria dos imóveis era de propriedade de portugueses, que informavam um tipo de imóvel que não condizia com a foto de Malta, para que pudessem obter valores maiores do que na verdade valiam.^v

Pereira Passos, ansioso por fazer da cidade suja, pestilenta, pobre e em estado de desordem uma nova Paris copiada de *Hausmann*, teve suas atitudes citadas na obra de José Murilo de Carvalho:

“(...) baixara várias posturas que também interferiam no cotidiano dos cariocas, particularmente no dos ambulantes e mendigos. Proibiu cães vadios e vacas leiteiras nas ruas; mandou recolher a asilos os mendigos; proibiu a cultura de hortas e capinzais, a criação de suínos, a venda ambulante de bilhetes de loteria. Mandou também que não se cuspiasse nas ruas e dentro dos veículos, que não se urinasse fora dos mictórios, que não se soltassem pipas. (...) Não se sabe ao certo quantas das novas pegaram. Mas, desta vez, a população já se dera conta de que pelo menos o esforço de aplicação da lei seria muito maior.”^{vi}

Diante destas posturas municipais, foi implantada a vacinação obrigatória contra a varíola sendo esta a terceira epidemia a ser eliminada por Oswaldo Cruz. À princípio, a vacinação obrigatória era para crianças de até seis meses de vida datada de 1837 e reeditada pelo Governo Provisório da República em 1889. Decretos ampliaram a vacinação para alunos de escolas públicas, civis e militares, para os empregados dos correios, para os detentos e menores recolhidos a asilos públicos.

Como as vacinas neste tempo não “pegavam”, as tais leis também não pegaram quando eram dirigidas na forma de sua obrigatoriedade a todos os cidadãos. A vacinação obrigatória ganhou oposição acentuada quando o governo, através da Câmara e do Senado, aprovou nova lei com este intuito. Tal oposição rapidamente extrapolou o ambiente parlamentar, atingindo as ruas, transformando-se na “Revolta da Vacina”, que não será analisada neste artigo.

A reforma urbanística deu à cidade um novo aspecto físico, pois as antigas vielas do período colonial foram desaparecendo, dando lugar a uma moderna urbe dentro dos padrões de uma metrópole europeia. Pois as ideologias e

condições sócio econômicas daquele momento assim exigiam. Nas palavras de Noronha Santos, a cidade:

“la perdendo pouco a pouco, o aspecto pictoresco e inconfudível de grande villa portuguesa. Modificara a feia e pesada edificação colonial e banira archaicas usanças commerciaes. Abandonara para sempre a indumentária desataviada, como que num gesto de repulsa de senhora de alta distincção. Queria ser nova e bonita, com automóveis a aguçarem-lhe a ânsia de vida farta e confortável.”^{vii}

Em paralelo a esta mudança no traçado urbano, o Poder Público abstinha-se de construir moradias destinadas às camadas sociais empobrecidas; ou seja, muitas famílias desalojadas pela ação estatal não obtiveram qualquer acolhimento por parte deste mesmo Estado, segundo nos relatou Oliveira Reis:

“Devido ao fato de que as desapropriações e demolições afetavam os locais de moradia da classe operária, Passos enviou à Câmara Municipal mensagem solicitando autorização para a construção de casas para operários. Obteve o Decreto 1042, de 18/07/1905. Por esse decreto, podia aproveitar as sobras dos terrenos desapropriados para a abertura da Avenida Salvador de Sá e de outras constantes do plano para construir casas para operários, que pagariam aluguel mensal de, no máximo, 12% do custo das mesmas. Na sua administração foram construídas 120 casas, totalizando 12.743 metros quadrado, nas ruas Mendes Campos, Salvador de Sá e Leopoldo.”^{viii}

Com a crise habitacional, a população humilde foi obrigada a subir os morros que circundavam a cidade e mais adiante a ocuparem os bairros que começaram a surgir nos subúrbios da mesma. Esta expansão populacional ocorreu neste momento de desespero, ante a ficar ao relento, seguiram para os locais sem nenhuma infraestrutura nem mesmo condições de transportes que os levasse ao centro de vida econômica da cidade.

As camadas populares foram, portanto, colocados à margem de uma sociedade que não via a pobreza com bons olhos. Pois, a cidade deveria seguir os padrões de beleza e modernidade das maiores metrópoles do mundo, notadamente a cidade de Paris, escondendo suas mazelas sociais.

Por isso, não faria sentido algum, provê-los de melhores condições de sobrevivência, a não ser escondê-los nos locais onde ainda existiam pântanos e

alagadiços, e aonde os visitantes estrangeiros não teriam interesse em conhecer, pelo ao menos os que faziam parte das elites.

Augusto Malta não esteve alheio a isto, fotografando o crescimento demográfico nos morros – uma das únicas opções de moradia para os pobres que insistiam, por exemplo, em continuar residindo na região central da Capital federal.

Não devemos esquecer, todavia, que desde os primórdios da ocupação portuguesa, a vida na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro encontrou, nos morros que circundavam o espaço urbano, um óbvio local de moradia, como podemos exemplificar com a ocupação do Morro do Castelo, de onde tal foto foi extraída. Por outro lado, a reformulação da região central exigiu a expulsão dessa população pobre, mas, também, a supressão de alguns morros (por exemplo, o do Castelo, que, à despeito de ter originado a ocupação efetiva da cidade pelos portugueses, em 1567, foi demolido ao longo das gestões Pereira Passos e Carlos Sampaio).

A reforma da urbe carioca direcionou a cidade a uma crise habitacional sem precedentes, levando um expressivo quantitativo demográfico a criar novos locais de moradia, ocupando espaços em que imperavam a ausência de melhoramentos urbanos identificados com a própria modernidade (esgoto, água encanada, iluminação pública), demonstrando a contradição das reformas urbanas da Capital que procuravam expressar os avanços dessa mesma modernidade.

A lente fotográfica de Malta sempre estava atenta aos movimentos ocorridos na cidade, fossem demolições, como a imagem acima, ou eventos com o prefeito Passos e demais autoridades, o seu olhar fotográfico não distinguia as elites das camadas mais humildes da sociedade, como veremos adiante.

Malta foi um cronista do seu tempo, utilizando-se das imagens para contar as transformações urbanas e as consequências geradas por ela. Ele escreveu uma página da história da cidade e do Brasil com um clicar de sua máquina fotográfica.

3- Conclusão

Malta explorou as mais variadas temáticas para inserir o seu ofício de “poeta das lentes”, escrevendo o seu nome na memória da cidade do Rio de

Janeiro em uma época de transformações urbanas estruturais que geraram alterações no campo social da mesma.

O seu trabalho junto à Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, foi de imensa valia para o andamento das obras. Documentou com imagens fotográficas o antes e o depois dos trabalhos necessários para aquele grande empreendimento público. Registrou aquela época através de um mecanismo inventado pelo homem para imitar a realidade fixando-a em placas de vidro em imagem negativa, revelando posteriormente o positivo em suporte de papel.

A sua contribuição para a história da fotografia se fez presente com seu legado de mais de 20.000 fotografias, 20 álbuns fotográficos com imagens selecionados pelo próprio Malta, 2.400 negativos em vidro e 115 negativos panorâmicos, dados catalogados no Museu da Imagem e do Som (IMS).

Enfim, suas fotos se fizeram presente em diversas ocasiões. Nos passeios das elites dominantes, com seus trajes sofisticados, nas inaugurações diante do prefeito Pereira Passos e demais autoridades e, na presença dos excluídos desta grande celebração de “civilidade” da classe dominante. Conforme atesta Ana Maria Mauad:

“As fotos de Malta são formas de ratificar um modo de vida carioca de (...) cultuadores do ornato, do status, da aparência e do que dirão. São ‘chics’, ‘up-to-date’ ou ‘tran-cham’. Vivem no Brasil com um olho na Europa e o outro nos Estados Unidos da América. Burguesia, elite, grã-finagem, ‘jet-set’, 300 de Gedeão, ‘grand-monde’, ‘high-life’ são nomes intercambiáveis que escondem, sob a aparência do bem-viver, códigos de comportamentos e representações sociais. São nomes utilizados, ao longo do século XX, para designar as frações de classe que disputaram o controle do capital simbólico fundamental ao processo de instituição de uma hegemonia de classe. Importantes agentes instituidores de um ‘habitus’ de classe, que discrimina uns e coopta outros, que hierarquiza os espaços da cidade, dignificando-os ou rebaixando-os, que elege o consumo como norma de vida, que dita modas e cria ilusões.”^{ix}

Conforme escreveu a professora Ana Maria Mauad, a cidade remodelada foi construída para atender aos anseios das elites dominantes e ao crescente interesse capitalista por novos mercados consumidores, portanto, as mudanças vieram para atender a estes anseios e desejos.

Referências Bibliográficas.

ABREU, Maurício A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 1988.

BECHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical – a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro. Biblioteca Carioca v11 - AGCRJ. 1992.

CARVALHO, Jose Murilo de. **Os Bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo. Cia. Das Letras. 1987.

FREIRE, Elyseu Adail de Alvarenga; TORRES, Rogério. **O Coronel Elyseu e o seu tempo**. São João de Meriti. IPAHB. 2009.

FROSSARD, Heloísa. (org.) **Augusto Malta – catálogo da série negativo em vidro – Aristógiton Malta. Rio de Janeiro**. Biblioteca Carioca v.29 AGCRJ. 1994.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e História – interfaces**. In: Revista Tempo. n° 2. Dept° de História. Niterói. UFF. 1996.

RIO. João do. **A Alma Encantadora das Ruas – crônicas**. São Paulo. Ed. Martin Claret. 2007.

SOUZA, Fernando Gralha. **Augusto Malta e o olhar oficial – Fotografia, cotidiano e memória do Rio de Janeiro – 1903/1936**. Tese de Mestrado. UFJF/PPGHIS. 2006. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br> acesso: 02/03/2012

ⁱ Amaltéa Malta Carlini, em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, 1980.

ⁱⁱ *Apud*: Souza, 2006, p.72.

ⁱⁱⁱ MAUAD, 1996, p.2-3

^{iv} *Apud*: CARVALHO, 1987, p.94.

^v Amaltéa Malta Carlini, em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, 1980.

^{vi} CARVALHO, 1987, p.95.

^{vii} *Apud*: ABREU, 1988, p.63.

^{viii} Id., *ibid.*, p.63.

^{ix} *Apud*: Souza, 2006, p.91.